CARTA-RUÍNA A PARTIR DO FILME *MATÉRIA DE COMPOSIÇÃO*

João Rocha*

* jarochabr@yahoo.com.br
Mestre em Teoria da Literatura e doutorando em Teoria da Literatura e Literatura Comparada na UFMG.

VÍDEO 1
Matéria de Composição (The Composing Material)

Trailer *do filme.*

Belo Horizonte, 23 de março de 2013.

Caro Pedro Aspahan,

estive, ontem, na exibição de seu filme *Matéria de composição*. Gostaria de me desculpar por não ter ficado para o debate. Estava no auge de uma gripe e o corpo pediu que voltasse para casa. O impacto de seu filme para mim foi enorme e por isto escrevo agora: para soletrar o que foram aqueles 85 minutos de abrigo enquanto lá fora chovia torrencialmente sobre a cidade. E ali, protegido da chuva, de olhos atentos nas imagens que passavam, comecei a escrever, sem saber, esta carta. E ela começou assim, logo nas primeiras imagens do filme: "Pedro, é difícil construir uma ruína. Você constrói várias em seu filme. Isso é maravilhoso!" E, hoje, continuou:

O som, a trilha (ou trilhas, pois não estou certo de como devo me referir à música nesse filme) e a montagem são de uma precisão absurda. Chega a doer! Você constrói ruínas amparado pelo rigor e a precisão. E é justamente com precisão que se pode desconstruir, com rigor, qualquer coisa. Desconstruir a ideia mesmo de desconstrução. Outro aspecto importante para isso, e que se encontra muito presente em seu filme, é a repetição (e aqui penso na palavra francesa

répétition que quer dizer, ao mesmo tempo, "repetição" e "ensaio").

Seu filme, penso, gira em torno, basicamente, de uma imagem: a demolição de uma casa. E por que não dizer a desconstrução de uma casa? Pedro, ao capturar, cortar, montar, editar a demolição/desconstrução de uma casa, você constrói, ou melhor, para mergulharmos no título de seu filme, você compõe uma ruína. A ruína de uma casa. Como toda ruína ela é anônima, sem dono, e está à espera de alguém que caminhe por entre seus escombros. Sempre há quem se comova, quem se inquiete com a solidão de uma ruína. E eles chegam. Cada um a seu tempo: Guilherme Antônio Celso Ferreira, Oiliam José Lanna e Teodomiro Goulart. Chegam e tomam a ruína composta por você como matéria de composição. Cada um, a seu modo, permeados pelo rigor, a precisão e a *répétition*, compõe para si uma ruína. Por favor, não entenda esse "para si", no sentido da possessão. Não, uma ruína não deve ter um dono, pois sua natureza é o inacabamento. E, de certa forma, o abandono. Se é necessário que se possua alguma coisa, o que cada compositor possui é sua maneira singular de tomar para si a ruína levada por suas mãos. E nisto se encontra um dos motivos do meu fascínio pelo filme: ao levar para os três compositores a construção de uma ruína, você os convoca a enfrentar uma questão ética e estética e também seus possíveis desdobramentos. Por exemplo: como construir uma ruína? Como construir uma desconstrução? Questões que se voltam, obviamente, para você na montagem de seu filme: como compor um filme permeado pelo rigor e a precisão a partir de uma matéria que sempre se esvai pelas mãos? Como recortar o tempo daquilo imerso no infinito do tempo? E novamente, sempre: como construir uma ruína? É justamente levantando essas questões, mesmo silenciosamente, que você constrói e dá lugar às varias ruínas presentes em seu filme. Acho que você concorda com Valéry quando ele diz "é preciso ser leve como o pássaro, e não como a pluma"[1], não é? Pois a leveza com que você nos coloca todas essas questões tem menos a ver com a queda sem rumo de uma pluma lançada do alto de um prédio e mais com a precisão de um pássaro cortando o céu.

Pedro, eu também caminho sobre ruínas. Talvez, por isso tenha sido tão tocado por seu filme. O que é escrever senão caminhar de olhos fechados, passos indecisos por entre escombros de palavras? Caminhar na noite, no silêncio da noite. E assim, de olhos abertos na escuridão da noite, tateando o que não se pode conhecer completamente, de frente a esse "animal chamado escrita"[2], só podemos construir ruínas. Pois escrever, Pedro, para mim, é sempre fracassar. E esse fracasso é magnífico. Não é sem dor, sem amor, sem alegria que fracasso. Eu fracasso inteiro. Completo. Eu fracasso só. E aqui me lembro da imagem da casa, da ruína de uma casa

1. CALVINO. *Seis propostas para o próximo milênio*, p. 28.

2. LLANSOL. *Causa amante*, p. 160.

em seu filme. “C’est dans une maison qu’on est seul”[3], assim começa o belíssimo livro *Escrever*, de Marguerite Duras. E do interior da minha casa, só, fracassando mais uma vez em não poder dizer tudo o que gostaria de dizer, ofereço-lhe esta carta-ruína, escrita a partir das ruínas compostas por você, Guilherme Antônio Celso Ferreira, Oiliam José Lanna, Teodomiro Goulart e tantos outros.

Levanto um pouco a cabeça e fecho os olhos, por um momento, para ver mais uma vez aquela maçaneta que abre seu filme. Com essa cena de abertura, desejo, não sei bem por que, encontrar algumas palavras para encerrar, mesmo que precariamente, esta carta. Elas não chegam. Levanto-me e vou até a estante de livros. Olho-a com atenção. Uma lombada vermelha chama-me. Pego o livro e abro-o na última página. Encontro as palavras e retomo a escrita desta carta-ruína.

Dedico, então, para você e toda a equipe do filme *Matéria de composição*, com muita alegria, estas palavras que todos vocês devem ter dito quando se encontraram face à ruína, que eu digo face a seu filme e que encerram o livro *Ateliê de Giacometti*, de Jean Genet: “sendo o que sou e sem reservas, minha solidão conhece a sua”[4].

Com amizade,

João Rocha

3. DURAS. *Écrire*, p. 13: “É dentro de uma casa que se está só”. Tradução minha.

4. GENET. *O ateliê de Giacometti*, 95.

REFERÊNCIAS

LLANSOL, Maria Gabriela. **Causa amante**. Lisboa: Relógio D’Água, 1996.

DURAS, Marguerite. **Écrire**. Paris: Gallimard, 1993.

GENET, Jean. **O ateliê de Giacometti**. Trad.: Célia Euvaldo. São Paulo: Cosac e Naify, 2011.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio**. Trad.: Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1990.

Resenhas